

CULTURA VISUAL E CULTURA DIGITAL: MÍDIA E IDENTIDADE EM ARTE EDUCAÇÃO¹

Alessandra Baldissarelli²

Este artigo aborda a relação aluno-mídia-identidade através da análise dos elementos da cultura visual presentes em seu cotidiano físico e virtual. As ferramentas digitais utilizadas no trabalho de leitura de imagens na aula de Arte, também são objeto de estudo dos alunos, objetivando incentivar uma postura crítica quanto à infinidade de recursos tecnológicos e a abundância de informações que temos disponível no mundo contemporâneo. Para isso, foram analisados os universos visuais que povoam seu cotidiano em diferentes contextos/mídias/suportes. Essas análises foram desenvolvidas e registradas através de portfólios físicos e virtuais (blog), sempre realizando a relação das mesmas com a construção de sua identidade. A principal conclusão que podemos extrair desse estudo é a constatação da necessidade de se pensar a educação para a compreensão crítica sobre a pertinência, as possibilidades e as limitações que os recursos e conteúdos midiáticos podem ter na vida dos jovens.

Palavras-chave: cultura visual; arte-educação; mídias e identidade.

ABSTRACT

This article approach the student- media-identity relation by analyzing the elements of visual culture that are presents in their physical and virtual everyday. Digital tools used at reading images in art class are also the object of study of the students, aiming to encourage a critical stance on the plethora of technological resources and the abundance of information that we have available in the contemporary world . To this, the visual world that populate their daily lives in different contexts were analyzed. These work were developed and analyzed on physical and virtual portfolios, always performing the same relationship with the construction of their identity. The main conclusion we can have from this study is the need for critical understanding about the appropriateness, the possibilities and the limitations which the media resources and content can have on what young people think .

Keywords: visual culture, art education, media and identity.

¹Artigo de Conclusão do Curso Especialização em Mídias na Educação – EAD, da Universidade Federal de Santa Maria, realizado sob orientação do Prof.^º Dr. Carlos Gustavo Hoezel.

²Licenciada em Artes Visuais, arte-educadora na Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Contato: alebaldissarelli@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo o poder das imagens já está reconhecido. Com as novas tecnologias ficou ainda mais aparente a necessidade de um olhar mais atento ao conteúdo visual que cerca nosso cotidiano. Em arte educação não é diferente. Os estudos da cultura visual são um campo do conhecimento que nos permite analisar e repensar a visualidade que nos cerca relacionando-a com a construção da nossa identidade. Dessa forma, deixamos de ver a cultura como algo material, para prestar atenção em como suas manifestações ajudam a dar sentido a nossa vida (VEIGANETO, 2004).

A questão é pensarmos a cultura, também e ao mesmo tempo, no *domínio simbólico*: como significamos os objetos e as praticase, ao fazermos isso, como abstraímos e transferimos esses significados para outros contextos; e, ao fazermos essa transferência, como os ressignificamos (p. 57).

Nos ambientes educacionais contemporâneos percebe-se como as imagens e novas tecnologias fazem parte da vidados alunos. Nesse contexto o presente trabalho, realizado com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, analisa um estudo de caso da leitura crítica da imagem auxiliada pelas ferramentas digitais na aula de Arte. Ao mesmo tempo, as próprias ferramentas midiáticas utilizadas para análise e registro dos estudos, bem como os meios de comunicação de massa, tornaram-se objeto de estudo dos alunos. Isso se deve à necessidade de desenvolver a compreensão não somente do produto final (a imagem), mas também das formas de funcionamento, possibilidades, limitações e até perigos dos veículos em que as mesmas são transmitidas. Baccega relaciona conceitos da comunicação de massa com os papéis da escola e da família, e defende o constante diálogo entre educação e comunicação para a construção de novos sentidos:

A realidade em que estamos imersos, e que contribuimos para produzir, modificar e reproduzir, é sempre uma realidade mediatizada. Retomando Paulo Freire, diríamos que o “estar no mundo e com o mundo” inclui, obrigatoriamente, hoje, levar em consideração, no conceito de mundo, a mediação, a possibilidade de *leitura* do mundo que nos é oferecida pelos meios de comunicação e que, de certo modo, nos regula. É desafio do campo comunicação/ educação levar a saber ler e interpretar o mundo que, metonimicamente, nos é passado como sendo a totalidade e conseguir reconfigurar essa totalidade (2009, p.244).

Na análise dessa relação mídia – aluno, algumas questões puderam ser levantadas: no contexto escolar, como os estudos da cultura visual podem ajudar os alunos a analisarem e compreenderem a influência das imagens na construção/reflexão sobre sua identidade? O que curtem e compartilham nas redes sociais virtuais? Que critérios utilizam na seleção dessas imagens? Os alunos tem consciência de como usam e como são vistos através de suas escolhas nas redes sociais e em seu dia-a-dia? A análise crítica das imagens que povoam seu cotidiano os ajudará a ver o mundo de um modo mais amplo?

Essas indagações partem da realidade dos alunos e de seus modos de comunicação com o mundo. Dessa forma a questão principal não é mais o acesso à informação, mas sim, o que se faz com ela. Referenciando as ideias de Paul Duncum, Belidson Dias analisa a importância da imagem no ensino de arte no mundo contemporâneo:

Vivemos em um mundo tecnológico visual complexo, onde as imagens se transformaram no produto mais essencial de nossa informação e conhecimento. O aspecto da visualidade, que se refere ao nosso modo de olhar, ver, contemplar, fitar, mirar, observar, testemunhar, examinar, vislumbrar, olhar de relance, espiar, espreitar, e entrever o mundo, é particularmente relevante para a construção da representação do conhecimento e revela a necessidade de uma exploração adicional dos conceitos da comunicação e de representação cultural (2005, p.282).

Nesse contexto, Jacquinet-Delaunay reforça a importância do educador em ensinar a filtrar as informações a que o aluno tem acesso, auxiliando-o a desenvolver seu pensamento crítico:

“de fato, eles são consumidores muito rápidos, eles não analisam. Eles têm a impressão de que se há soluções prontas disponíveis, por que quebrar a cabeça”. Sua fascinação por este modo de acesso fácil à informação entrava seu espírito crítico (2009, p. 179).

Para que essas análises aconteçam, além do trabalho de leitura de imagens das diferentes mídias abordadas (mídias impressas, internet e televisão), serão propostas atividades de escrita e de composição visual³ onde o aluno poderá organizar seus pensamentos e ideias utilizando diferentes linguagens. Essas

³ Composição visual é a organização de elementos representativos (figurativos ou abstratos) em um determinado suporte de acordo com os princípios das artes visuais. Para melhor compreendê-las e explorá-las é necessário conhecer os elementos (ex: linha e ponto.) e os princípios (ex: equilíbrio, simetria, ritmo, etc.) que estruturam uma composição.

produções farão parte de um portfólio criado pelos alunos e também de um portfólio virtual, o blog.

Como arte-educadores⁴ comprometidos com os pressupostos educacionais contemporâneos, é nosso papel agir em busca do desenvolvimento da percepção estética e artística dos alunos. Só assim os mesmos aprenderão a ver além das aparências e aprenderão a analisar criticamente a imensa gama de referências visuais que povoam o contexto em que vivem e que acabam influenciando seus modos de ser e de pensar, e conseqüentemente, a construção de sua identidade.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Cultura Visual

Em nosso cotidiano, imagens nos cercam por todos os lados: na mídia televisiva, nas mídias impressas e também na internet onde uma imensa gama de informações visuais cerca cada clique. No caminho para a escola, para o trabalho, ou para qualquer outro lugar, lá estão as propagandas, os outdoors, as placas de sinalização, os grafites e as manifestações urbanas. Todos esses elementos, que constituem a forma como nos relacionamos visualmente com o mundo, fazem parte da cultura visual. Dessa forma o termo cultura visual se apresenta como contexto para as artes visuais e ao mesmo tempo oportuniza conexões entre as formas de arte consagradas, e a arte popular, a publicidade, o cinema, a televisão, os jogos de computador, enfim, todas as formas de produção e comunicação visual (FREEDMAN, 2006).

Essas referências visuais influenciam, diretamente ou indiretamente, em nosso modo de pensar, de agir e de olhar o mundo. Assim, para entendermos e explorarmos essa relação complexa entre os jovens e esses “lugares” culturais onde encontram-se muitas referências para a construção de experiências de subjetividade, Fernando Hernández (2007, p.37) propõe uma perspectiva de compreensão crítica da cultura visual:

⁴O termo arte-educador relaciona-se com o termo arte-educação, surgido na década de 80 através do trabalho da Prof^a Dr^a. Ana Mae Barbosa e designa o profissional que trabalha com o ensino de arte, tendo formação na área. Segundo a autora: “Ensino de arte tem compromisso com continuidade e currículo, quer seja educação formal ou informal. Arte Educação foi o termo usado por meus mestres. Eu acrescentei o hífen Arte-Educação, no momento em que arte era recusada pelos educadores, nos anos de sua introdução obrigatória no currículo escolar, em torno de 1973-1974, para dar ideia de diálogo e mútuo pertencimento entre as duas áreas” (Trecho de entrevista com a autora. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/370/entrevistados/ana_mae_barbosa_1998.htm).

Os Estudos da Cultura Visual nos permitem a aproximação com estas realidades a partir de uma perspectiva de reconstrução das próprias referências culturais e das maneiras de as crianças, jovens, famílias e educadores olharem (-se) e serem olhados. Reconstrução não somente de caráter histórico, mas a partir do momento presente, mediante o trabalho de campo ou a análise e criação de textos e imagens. Reconstrução que dá ênfase à função mediadora das subjetividades e das relações, às formas de representação e à produção de novos saberes acerca destas realidades.

Assim, foi proposto um olhar mais atento ao cotidiano dos alunos ao trazer para adiscussão em sala de aula mídias e recursos que são geralmente “consumidos” de maneira passiva, sem nenhuma reflexão sobre seu conteúdo. A contextualização dessas mídias, não somente com a arte, mas com as vivências entre o educando e o seu meio, através da leitura de imagens e de exercícios de criação e, visa estabelecer relações e sentidos que sejam significativos e que contribuam para o seu desenvolvimento estético e artístico e ampliem suas visões de mundo.

2.2 Mídia, Identidade e Arte-educação

Ana Mae Barbosa, pesquisadora renomada em arte-educação, enfatiza a importância desse campo de estudos e salienta o papel da imagem no processo de ensino e aprendizagem ao afirmar que “dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos”. A autora complementa: “A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual” (2005, p. 99).

Ana Mae (2006) defende uma abordagem em que a contextualização assume um lugar de destaque, servindo de vínculo com outras áreas e do conhecimento e com o universo do aluno. Ao relacionar a arte, a educação e as mídias, podemos ver o contexto do aluno como mediador e proponente para uma relação de efetiva aprendizagem. É no estudo crítico dessa dinâmica que os recursos midiáticos assumem o papel de pontes entre o universo imagético e os alunos, entre a sala de aula e o mundo tal como ele é, permitindo desenvolver diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

Nesse contexto não podemos negar que as mídias educam (MORAN, 2007). Por estarmos continuamente expostos a esses estímulos visuais, somos levados a

aceitarmos de maneira passiva interpretações equivocadas, modelos de comportamento desconectados com a realidade, padrões de beleza impossíveis e valores invertidos. Segundo o autor:

O que tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, aos modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da Internet o desfazem nas horas seguintes. Nós mesmos como educadores e telespectadores sentimos na pele a esquizofrenia das visões contraditórias de mundo e das narrativas (formas de contar) tão diferentes dos meios de comunicação e da escola (http://www.eca.usp.br/moran/midias_educ.htm).

Ao prestar um olhar mais atento sobre as referências visuais que compõem a nossa personalidade e subjetividade, deixamos de apenas estarmos presentes no mundo para, efetivamente, sermos cidadãos mais conscientes em todos os sentidos. Ao interagir com a cultura em que está inserido, o aluno vai construindo também sua identidade. Parsons(2005) fala da importância dos estudos culturais na sociedade atual:

Dada a visão contemporânea de que os alunos constroem a identidade com os materiais oferecidos por sua cultura, a questão muda rapidamente para o estudo do ambiente cultural e, especialmente, para a cultura popular de massa (p. 305).

Uma leitura crítica de mundo inicia com um olhar atento, mais pausado, na frente do que se quer observar. Para Rossi (2003) é importante prestar atenção às respostas dos alunos durante a leitura para pensar na melhor metodologia de trabalho tendo em vista o desenvolvimento desse pensamento.

Mesmo quando não nos damos conta de que estamos interpretando um texto, estamos lhe perguntando algo. Compreender um texto é ter as perguntas respondidas por ele. Fazemos perguntas, sempre, mesmo que inconscientemente. Fazemos para significar o mundo, pois o ser humano tem necessidade de interpretar tudo, desde a mais tenra idade (p. 18).

Neste desenvolvimento, os alunos vão gradualmente fazendo uso de idéias cada vez mais complexas, sofisticadas e adequadas ao mundo da arte, desde que tenham oportunidades de interagirem com ele (p. 22).

Kerry Freedman, em seu livro intitulado “Ensinar a cultura visual: currículo, estética e a vida social da arte”⁵, apresenta os fundamentos do ensino de arte em uma perspectiva cultural:

⁵Título original: Enseñar la cultura visual: Currículum, estética y la vida social del arte [Tradução minha].

Um importante aspecto educativo da cultura visual é o seu efeito sobre a identidade, tanto no que diz respeito a criação como à observação, que é talvez, a questão de maior importância na educação. A educação é um processo de formação da identidade porque mudamos na medida em que aprendemos; nossa aprendizagem muda nosso eu subjetivo [tradução minha] (2006, p.26)

Dessa forma, todas as áreas de conhecimento envolvidas no presente trabalho convergem para as mesmas especificidades e objetivos. Os estudos da cultura visual, da arte- educação e da identidade estão interligados, favorecendo uma dinâmica de conhecimento que engrandece o processo educativo.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Cultura Digital - Identidade na Internet

Para introduzir os conceitos de identidade e mídias digitais foi proposto aos alunos que autorizassem a cópia de alguma imagem de seus perfis públicos no Facebook que não os representasse diretamente. Mesmo enfatizando o fato de que as imagens que seriam copiadas são as mesmas que estão disponíveis publicamente na rede social, cerca de dezoito alunos, de uma turma de trinta, autorizaram. Em aula, através da leitura das imagens projetadas com data-show, a turma pode analisar as escolhas de cada indivíduo e adivinhar de quem se tratava. Após realizar a primeira dinâmica com as imagens em aula, grande parte da turma resolveu autorizar o uso das imagens de seus perfis.

A atividade causou muita empolgação dos alunos, que emitiam julgamentos e opiniões sobre as escolhas virtuais dos colegas. Para Esteves (2000, p. 35), na perspectiva da teoria da intersubjetividade:

O sujeito individual só adquire consciência de sua identidade a partir do momento em que ele próprio se coloca numa perspectiva exterior a si mesmo, quando se olha a partir do lugar do outro simbolicamente representado, isto é, quando se vê a si mesmo como participante de uma interação social e de uma situação comunicacional, e, em conformidade, passa a assumir sobre si próprio o ponto de vista dos outros interlocutores.

Durante a leitura de imagens um dos alunos não reconheceu a si próprio ao analisar as opções “curtir” do Facebook. Esse é um claro indicador de que muitas vezes os jovens são influenciados a fazer escolhas sem ao menos refletir sobre elas.

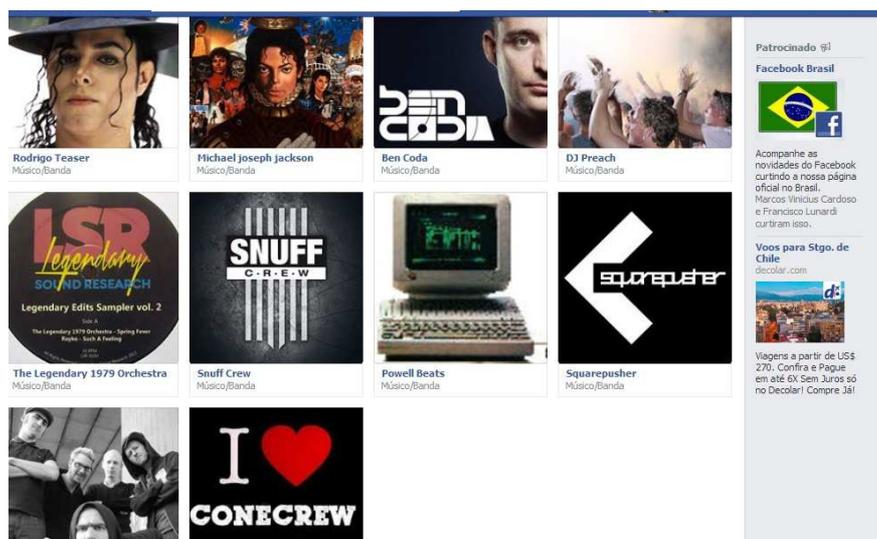


Figura 1: Print Screen das opções "curtir" do perfil público de um aluno na rede social Facebook .

Para ampliar o debate, foi feita a análise do vídeo de propaganda da câmera fotográfica da marca Samsung⁶. Essa propaganda aborda a questão da auto-imagem em perfis públicos de uma rede social utilizando de maneira humorística vilões e monstros conhecidos pelo imaginário popular. No vídeo, esses vilões disfarçam suas imperfeições e características agressivas explorando diferentes ângulos e posições ao criarem um autorretrato. No primeiro momento a reação dos alunos foi a esperada para um comercial desse tipo, ou seja, divertiram-se e riram com as “transformações”. Porém, após uma segunda análise (solicitada pelos próprios alunos), agora com olhar mais crítico, pudemos perceber melhor as questões relacionadas à manipulação de imagens, ao que é real ou não na internet e também refletimos sobre o apelo comercial presente nos sites da internet.

Por último foi proposta criação de uma composição visual que sintetizasse a relação dos alunos com a internet, enfocando a questão da identidade. Esse trabalho foi a primeira de quatro produções que seriam criadas enfatizando as relações da arte com as diferentes mídias.

⁶SAMSUNG. Owntheangels. Disponível em: <<http://www.youtube.com/>>. Acesso em: 04 out. 2013.



Figura 2: Imagens da propaganda "Owntheangels" da Samsung.

3.2 Portfólio Visual e Virtual (Blog)

Os trabalhos realizados pelos alunos foram sendo reunidos e organizados para dar forma a um portfólio. Tendo em vista um processo constante de reflexão e reconstrução de significados o portfólio configura-se como uma ferramenta que o auxilia a entender o seu próprio caminho de aprendizagem.

Barbosa (2005) defende os processos envolvidos em arte como habilidades importantes a serem desenvolvidas na escola e que servirão para a vida dos alunos:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano (p. 100).

Da mesma forma, o blog foi apresentado como uma ferramenta que possibilita a interação, permitindo aos alunos compartilhar suas ideias com responsabilidade. Como os blogs são disponibilizados publicamente, os alunos tendem a se preocupar com a qualidade das informações e produções que publicam. Desta vez, não porque o professor é "jurado" do que estão produzindo, mas sim, porque outras pessoas têm acesso a sua produção. Assim, ao reforçarmos a ideia de que é a imagem do aluno que estará disponível publicamente através das

suas escolhas e criações, os mesmos começarão a dar maior importância às suas produções e conseqüentemente, se tornarão mais conscientes quanto ao papel de protagonistas da sua própria aprendizagem.

A criação de um blog como portfólio virtual foi proposta de maneira livre à turma, pois devido à falta de infraestrutura da escola (internet lenta, falta de manutenção dos computadores, etc) não seria possível realizar a atividade durante as aulas. Nesse contexto, quatro alunos se comprometeram a realizar os portfólios físicos e virtuais, bem como a apresentar e disponibilizar o resultado do seu trabalho para os colegas. Desses quatro alunos, dois levaram o projeto até o fim.

Além de incluir sua própria produção visual, os alunos foram incentivados analisar questões relacionadas aos melhores layouts, cores e formatos de blog para o trabalho realizado. Pensar nas características e possibilidades de configuração do blog como suporte virtual permite que os alunos percebam de maneira mais crítica os sites que costumam acessar na internet, pois eles começam a compreender que essas escolhas não só influenciam como se tornam parte do próprio conteúdo da página.



Figura 3: Imagens dos blogs criados por duas alunas.

Para facilitar a comunicação, compartilhamento e orientação das atividades com o grupo que fez o portfólio virtual (blog), criou-se um grupo fechado no Facebook. Ao final do projeto o mesmo grupo foi “aberto” para que os colegas pudessem acessá-lo, como forma de publicar e valorizar o trabalho dos alunos que criaram o blog.



Figura 4: Imagem do grupo criado no Facebook.

3.3 Cultura Visual – Mídias impressas

O trabalho sobre as mídias impressas iniciou-se a partir dos materiais a que os alunos têm acesso semanalmente na escola: as revistas e os jornais. Após dialogarmos sobre a natureza, a frequência e a presença das mídias impressas na vida dos alunos, foi proposta a criação da capa do portfólio a partir das referências visuais que os mesmos encontraram nos materiais disponibilizados para recorte. O critério de seleção das imagens foi basicamente o gosto. Já no momento da colagem, enfatizou-se a importância do planejamento da composição visual para que o trabalho não se caracterizasse como um catálogo de imagens, mas sim, como uma produção artística.

Durante o trabalho de recorte e colagem das imagens foi interessante conversar com os alunos sobre a origem das suas preferências, gostos e estilos. Alguns insistiam em responder de maneira simples e vazia sobre as razões de suas escolhas, mas, após mais alguns questionamentos, percebi que os mesmos começavam a entender os objetivos da atividade.

Para identificar o trabalho como sendo capa do portfólio cada aluno inseriu na colagem a imagem do seu perfil público do Facebook, bem como fez uma colagem com as letras do seu nome recortadas de mídias impressas.

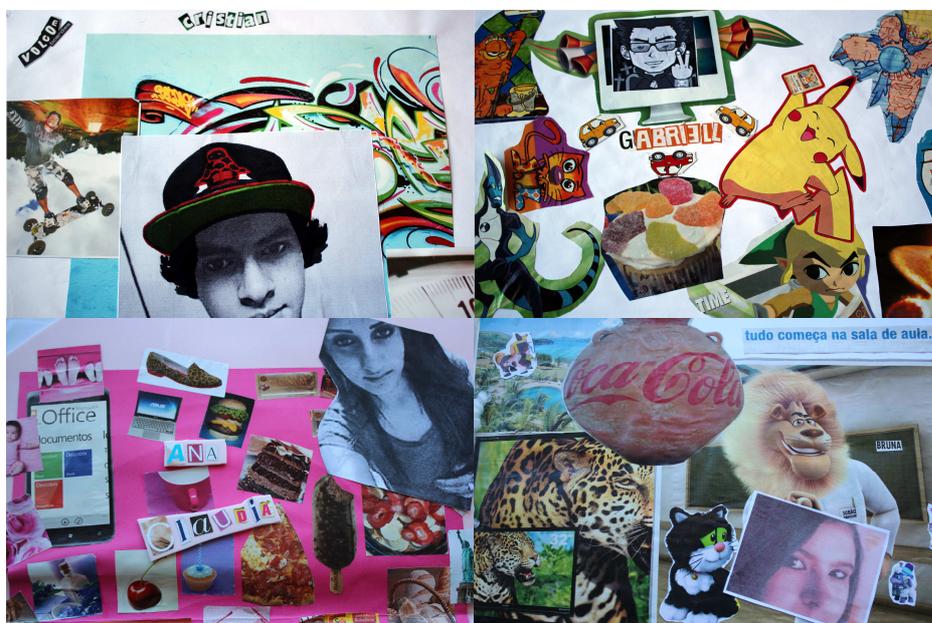


Figura 5: Imagens das capas dos portfólios.

3.4 Cultura Visual – Televisão

Para iniciar as discussões sobre a mídia televisiva foi proposta a análise do vídeo “The Greatest Shows On Earth⁷”. Neste programa, a apresentadora britânica Daisy Donovan, viaja pelo mundo conhecendo a programação de TV local. No episódio sobre o Brasil são abordados de maneira explícita programas sensacionalistas de humor e violência da TV aberta brasileira. Como programa de entretenimento, apesar de não ser um trabalho acadêmico de cunho filosófico, ou uma crítica profunda sobre as referências culturais brasileiras, esse vídeo proporciona pensar sobre a análise de pessoas de outras culturas sobre o que é disponibilizado na televisão brasileira.

Durante a análise do vídeo, os alunos reagiram da maneira esperada, ou seja, como adolescentes que se divertem ao assistirem despreocupadamente a televisão. Muitos demonstraram assistir regularmente os programas que estavam sendo criticados pela apresentadora britânica.

⁷CHANNEL 4. The Greatest Shows On Earth (Osmelhoresprogramas de TV da terra). Disponível em: <http://www.channel4.com/programmes/the-greatest-shows-on-earth>. Acesso em 08 nov. 2013.

Moran (2007) defende a problematização dos conteúdos presentes nos meios de comunicação em sala de aula “ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto”. Assim, ao serem questionados sobre os comentários negativos do documentário sobre a programação analisada, muitos alunos apoiaram as considerações feitas, demonstrando repúdio a esse tipo de conteúdo e abordagem. Questões relacionadas à perda de tempo e ao estímulo à alienação do telespectador foram levantadas durante a discussão. No geral, as meninas demonstraram opiniões mais sérias e relevantes para o debate, enquanto a maioria dos meninos não opinou ou se mostrou indiferente ao vídeo em análise.



Figura 6: Imagem do vídeo “The Greatest shows on Earth”.

A atividade seguinte ao vídeo foi a realização de uma entrevista com um colega sobre sua relação com mídia televisiva. As seguintes perguntas nortearam a entrevista:

- Que imagem vem a sua mente ao pensar em TV?
- Você costuma assistir TV? Quando? Por quanto tempo?
- Você tem TV por assinatura? Assiste a programas nacionais ou internacionais? Quais?
- Você considera a TV brasileira de qualidade? Justifique sua resposta.

Com as respostas dessa entrevista, foi proposto aos alunos que criassem uma composição visual representando as referências televisivas do colega. Tanto a entrevista como a produção foram inseridas no portfólio.

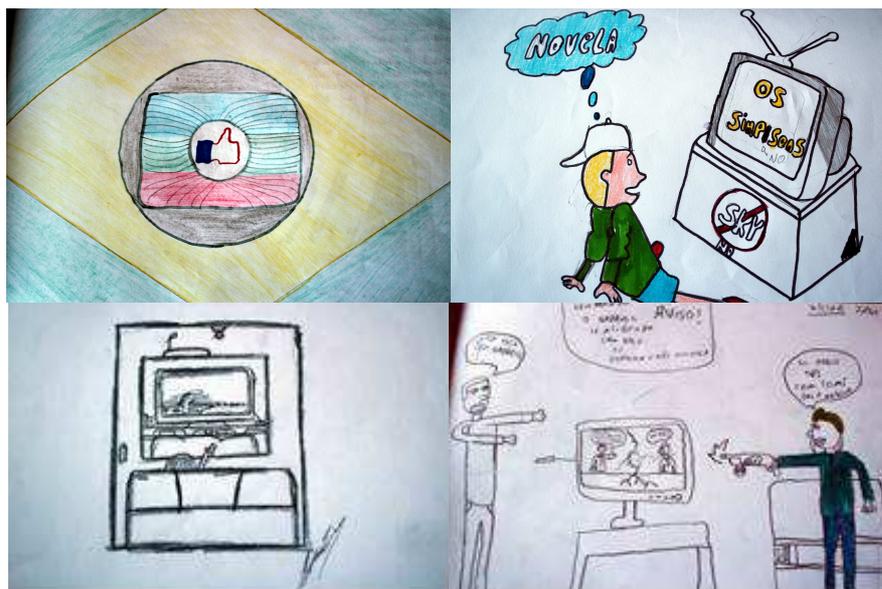


Figura 7: Produções dos alunos sobre mídia televisiva.

É interessante perceber o fascínio que a televisão exerce sobre os jovens. Por mais que os mesmos não concordem com algumas abordagens presentes na programação nacional, a influência dessa mídia é muito grande. Segundo Maria Luiza Belloni:

A opinião majoritariamente positiva sobre a televisão como meio de informação e de aprendizagem e a assiduidade com que os jovens assistem à TV são os indicadores mais seguros da importância do papel da televisão no processo de socialização das novas gerações. [...] A criança vai incorporando estas imagens e modelos em sua experiência, utilizando-se deles em suas interações (2005, p.31-32).

Nesse contexto, é alarmante pensar que a TV aberta é uma das principais fontes de informação e cultura em nosso país. É um desafio para o arte-educador ampliar as referências culturais dos alunos em contraponto à essa mídia tão atraente e de fácil assimilação. Sobre isso diz Moran:

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos - levam a para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despreziosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais abstrato, complexo e na contra-mão da maioria como a escola se propõe a fazer (http://www.eca.usp.br/moran/midias_educ.htm).

Basta conversar por alguns momentos com uma criança ou jovem para perceber que grande parte das referências (visuais, sonoras e de entretenimento), provém da televisão. Ainda segundo o autor, a televisão: “[...] fala da vida, do

presente, dos problemas afetivos - a escola é muito distante e abstrata - e fala de forma viva e sedutora - a escola, em geral, é mais cansativa” (Ibidem).

Essa atividade ajudou a demonstrar o desafio que se apresenta aos educadores comprometidos com o desenvolvimento dos seus alunos no mundo contemporâneo. Iniciar uma aproximação crítica com esse universo de prazeres imediatos é um trabalho que deve ser feito não só em Arte, mas em outras disciplinas também. É nossa responsabilidade, como professores, de ajudarmos a derrubar o muro entre a escola, como instituição fechada e isolada, e o mundo real, para torná-la um espaço de pensamento que dialoga diretamente com a vida dos alunos.

3.5 Intertextualidade

Após estudarmos a cultura digital, através da análise das atividades que realizamos na internet, a mídia televisiva, através do olhar de um estrangeiro sobre a programação televisiva brasileira, e a mídia impressa, através do trabalho com revistas e jornais, estava faltando abordar a presença das imagens consagradas da história da arte no imaginário coletivo.

Através dos estudos da intertextualidade, realizamos a leitura de imagens de obras de arte citadas na mídia, refletindo sobre seus significados ao serem transpostas para outros contextos e finalidades. Segundo Rossi:

As imagens originais podem ser do mundo da arte ou do mundo das imagens industrializadas. Mas em ambos os casos, o objetivo é a reelaboração do significado da primeira geração da imagem. Ao retirar a imagem de seu contexto original (seja um mosteiro, um museu ou uma revista) e recontextualizá-la, no contexto da arte, atribui-se um significado diferente. Em outras palavras, a iconografia dos meios de comunicação de massas não é simplesmente extraída e transportada para a arte, mas é manipulada com objetivos expressivos (2010, p.9).

Através desse mesmo processo, artistas da Arte Pop utilizavam imagens retiradas de filmes, de anúncios publicitários, encontradas na cultura popular, adotando-as como o material de uma nova arte e de uma nova estética (CHIARELLI apud ROSSI, 2010).



Figura 8: Imagens de intertextualidade em arte disponíveis na internet.



Figura 9: Produções intertextuais dos alunos.

4. RESULTADOS

Após oportunizar a reflexão, o diálogo e a produção poética sobre as mídias publicitárias, sociais, físicas e virtuais, é necessário que seja feito um fechamento do projeto. Afinal, foram novas informações e abordagens em um curto espaço de tempo. Devido à rotina cronometrada da vida escolar os momentos de compartilhamento de ideias e do resultado das produções realizadas foram poucos.

Assim, foi proposto um momento para a apresentação dos trabalhos e resultados das aulas em formato de Seminário. Durante duas horas-aula, os alunos

puderam compartilhar suas percepções e produções sobre as diferentes mídias analisadas relacionando-as com a construção de sua identidade.

Os alunos que desenvolveram o portfólio virtual em blog também apresentaram seus trabalhos e comentaram sobre a relação entre as produções físicas e a publicação de trabalhos em um ambiente virtual. A pergunta que norteou a apresentação dos trabalhos foi a mesma que motivou a reflexão e escrita da página de conclusão do portfólio dos alunos. Abaixo foram transcritas algumas respostas que expressam parte dos resultados desse trabalho.

Como as diferentes mídias estudadas se relacionam com a minha vida?

- As mídias se relacionam conosco à todo minuto, de uma maneira ou outra, à todos os lados que olhamos vimos uma propaganda, um outdoor, um cartaz, uma televisão ligada, na internet (Aluna A).

- A todo momento estamos rodeados pela internet, televisão, que no fim podem influenciar as pessoas por mais que elas não queiram (Aluna B).

- Com praticamente tudo, pois são formas de nos conectarmos com o mundo (Aluno C).

- A análise serviu para se dar conta de tudo o que se faz, expõe e deixa público. Tudo o que é publicado sem segurança nas redes sociais exibindo um pouco da vida sem perceber (Aluna D).

- Me fazem pensar nas imagens que vem à minha mente quando penso em diferentes mídias. Eu nunca tinha parado pra pensar nisso antes (Aluna E).

- Muitas vezes por dia ela influencia no que eu digo, nas respostas a algumas perguntas e no estilo de vida eu quero ter (Aluna F).

Percebe-se na escrita dos alunos que esse trabalho atingiu seu objetivo inicial, ou seja, foi um momento para parar e perceber as referências visuais que povoam sua vida de outra maneira. Analisando seus portfólios, percebe-se sua dedicação e, na maioria das vezes, satisfação em expressar seu estilo e personalidade em cada página. Da mesma forma, suas falas e resultados indicam que seus pensamentos sobre o tema ainda podem e devem ser desenvolvidos.

Após defender a interdisciplinaridade e inter-relação entre arte, mídias e cultura visual, seria contraditório não citar como resultado desse projeto as

produções desenvolvidas pelos alunos. Apesar de os meios de representação e conteúdos se repetirem em seus portfólios, é perceptível a diferença e singularidade de atribuição de sentidos em suas composições visuais. Além disso, as escolhas de cada aluno, como o modo de montar as páginas, suas cores e o estilo de escrita tornam cada portfólio uma representação de seus pensamentos e modos de ver o mundo. As imagens falam por si.

5. CONCLUSÃO

Tendo clareza da importância dos estudos da cultura visual em arte-educação percebe-se esse projeto como um meio de oportunizar a abertura do campo de saberes e aprendizados na escola e na aula de Arte para um tema que se relaciona diretamente com a construção da identidade dos estudantes.

As mídias estudadas foram introduzidas de maneira a facilitar o processo de reconhecimento e análise crítica de meios de comunicação que eram vistos até então como passivas formas de entretenimento. Isso pôde ser constatado nas reações dos alunos aos perceberem as mídias que utilizam no dia-a-dia como conteúdo conceitual em si e não apenas como meio de ilustração (como são vistas as revistas e jornais na escola) e de veiculação de informações.

Esse trabalho configura-se como um momento de aproximação dos alunos com questões relacionadas ao seu mundo cotidiano e à sua identidade. Conforme apresentado nesse texto, é urgente a necessidade de fazer os jovens refletirem sobre as ideias prontas que são disponibilizadas e assimiladas facilmente de maneira passiva em diferentes mídias presentes em suas vidas. Assim, é necessário que haja uma continuidade de trabalho que explore as mídias na aula de Arte em diferentes contextos e profundidades, como, por exemplo, em estudos sobre as representações artísticas e publicitárias de vários grupos sociais e de diferentes nacionalidades, analisando questões de gênero, raça, poder, consumo dentre outros que caracterizam meios de comunicação de massa e a internet no mundo contemporâneo.

“O espírito de uma sociedade realiza-se, transmite-se e percebe-se através dos objetos culturais que ela se dá e no meio dos quais ela vive. Suas categorias práticas sedimentam-se nela, e, em troca, elas sugerem aos homens uma maneira de ser e de pensar” (MERLEAU-PONTY, 2004).

REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/ Educação: Lugar de Formação Crítica, de Disputa pela Hegemonia dos Significados e da Práxis da Comunicação. In: BARBOSA, Marialva, FERNADES, Márcia e MORAIS, Osvaldo José (orgs.). **Comunicação, educação e cultura na era digital**. São Paulo: INTERCOM, 2009. p. 167-181.

BARBOSA, Ana Mae. **ZIG/ZAG, Arte/Educação e mediação**. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO, 20, 2006, Montenegro. Anais ... Montenegro: Editora da FUNDARTE, 2006. p. 8-9.

_____. (Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia – educação**. 2ª ed. Campinas, SP: Editores Associados, 2005.

CHIARELLI, Tadeu. **Considerações sobre o uso de imagens de segunda geração na arte contemporânea**. São Paulo, MAC/USP, set/ out. 1987.

ESTEVES, João Pissarra [et al]. Nova Ordem dos Media e Identidades Sociais. In: **Mídias e Processos Socioculturais**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. p. 11-42.

FREEDMAN, Kerry. **Enseñarla Cultura Visual**. Currículum, estética y la vida social del arte. Barcelona, Octaedro. 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

_____. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. Convergência Tecnológica, Divergências Pedagógicas: Algumas Observações sobre os "Nativos Digitais" e a Escola. In: BARBOSA, Marialva, FERNADES, Márcia e MORAIS, Osvaldo José (orgs.). **Comunicação, educação e cultura na era digital**. São Paulo: INTERCOM, 2009. p. 167-181.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naifi, 2004.

MORAN, José Manuel. As mídias na educação. In: **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 162-166 Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moran/midias_educ.htm> Acesso em: 10 outubro de 2013.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

_____. **Intertextualidade, citação, releitura, imagens de segunda geração...**
Manuscrito. 2010.

VEIGA-NETO, A. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V.; VEIGA-NETO, A... [et al] (Org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** 2ªed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. P. 37-69.